

cripção que vem no citado volume do *Archivo Pittoresco* (1857-1858), consta-me que foi levado para Inglaterra,—certamente por pessoa mais cuidadosa da nossa archeologia do que nós próprios. Num artigo publicado no periodico inglês *Illustrated London News*, de 2 de Agosto de 1856, acêrca d'esse mosaico, e reproduzido no *Archivo*, diz-se o seguinte, depois de se fallar do apparecimento e trasladação de outro mosaico, de Cirencester: «Muito fôra para desejar que num país, como Portugal, onde tantos vestigios das artes-romanas se acham indubitavelmente enterrados no chão, se olhasse com igual desvelo para os restos da antiguidade, e se fizessem as necessarias diligencias para se estudar a sua historia, e segurar a sua boa conservação; mas infelizmente, por effeito da ignorancia provinciana, taes reliquias, quando por acaso se tem encontrado, hão sido descuidosamente destruidas, para se satisfazer a algum fim immediato».

Palavras tão desoladoras não podem ter applicação no caso presente; é por isso que, tanto ao Sr. Vieira Natividade, que, segundo já vimos a cima, cultivava com affecto e proveito a archeologia local, como ao Sr. Francisco Eliseu Ribeiro, digno Administrador do concelho de Alcobaça, devem tributar-se muitos louvores pelo interesse e calor que tem tomado nesta cruzada da salvação do mosaico da Póvoa de Cós. Oxalá ella obtenha o resultado que se espera!

Lisboa, Maio de 1902.

J. L. DE V.

## Archeologia de Trás-os-Montes

### 1. Concelho de Moncorvo

Ha tres annos que possui os seis instrumentos de pedra que vou mencionar, offerecidos pelo meu muito amigo P.<sup>o</sup> Adriano Guerra, de Moncorvo, dos quaes cinco foram encontrados na Lousa e um em Magores.

#### a) Instrumentos da Lousa

1.<sup>o</sup> Um machado de schisto ardosiano, muito negro, de fôrma de uma pyramide quadrangular, de secção transversal rectangular, de faces nada planas, sendo uma convexa, com uma nervura em todo o comprimento no centro, e a outra algum tanto concava, de bordos em angulo recto um pouco abatidos, de gume formado pelo desengrossamento por igual de ambas as faces, muito convexo e com a aresta cortante, em arco de circulo, de vertice rombo, pouco liso, assim como o resto do machado, á excepção do gume que é muito bem polido.

O comprimento do instrumento é de  $0^m,14$ , e a largura na base é de  $0^m,05$ , e no vertice, onde foi tirado um fragmento pelos exploradores, de  $0^m,020$ .

2.º Um machado muito pouco elegante, de schisto ardosiano pardacento, da fôrma de pyramide, pouco regular, de secção transversal rhomboidal, de  $0^m,01$  de comprimento, de  $0^m,055$  de maior largura na base, de vertice rombo de  $0^m,02$  de maior largura e de maior espessura  $0^m,043$ , terminando obliquamente em razão de falha na pedra numa das suas faces.

É instrumento grosseiro e bastante pesado, com o gume convexo, pouco arqueado e formado á custa de ambas as faces, que concorreram em partes iguaes pelo desengrossamento para esse fim.

A superficie é desigual, com algumas depressões que facilitavam o seu manuseamento.

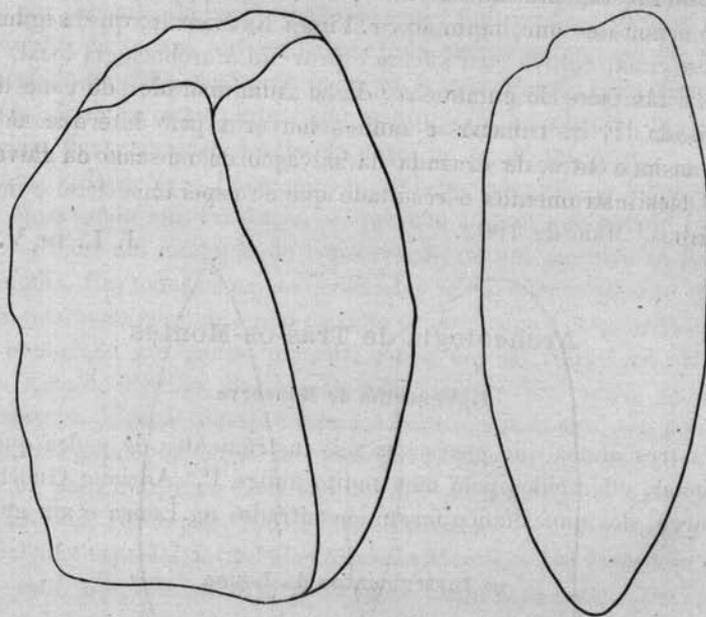


Fig. 1.ª — Maior comprimento  $0^m,11$ ; maior largura  $0^m,055$ ; maior espessura  $0^m,043$

3.º Um machado de schisto ardosiano, de  $0^m,12$  de maior comprimento, de  $0^m,039$  na maior largura, e de  $0^m,35$  na maior espessura, de gume cortante, bem polido, formado pelo desengrossamento dos bordos, sem facetas determinadas, levemente convexo, com a aresta do gume (ou fio) pouco adelgada, com uma grande falha devida a fractura recente.

As faces do machado não foram alisadas, e tem varias depressões em que assentam os dedos e facilitam o uso do machado, sendo uma sensivelmente convexa do meio para as extremidades e a outra concava em sentido contrario.

O vertice é arredondado pelo desgrossamento das faces e bordos, e tem de diametro  $0^m,02$ ,— muito semelhante ao de outros machados de Parafita e Carrazedo do Alvão.

4.º Outro machado da mesma pedra que os dos números anteriores, nada elegante, de  $0^m,128$  no maior comprimento, de  $0^m,048$  na maior largura, de  $0^m,040$  na maior espessura, de forma de um ellipsoide, de gume pouco convexo, formado pelo desgrossamento *dos bordos* em angulos quasi rectos no terço inferior e abatidos no resto da extensão, de secção transversal rhomboidal, de vertice obliquo por causa de uma falha no calhau que se aproveitou para o instrumento, arredondado pelo desgrossamento das faces e bordos, apparece com o fio do gume pouco cortante e com depressões naturaes na maior parte da extensão das faces.

Uma das faces do gume está bem alisada, mas por polir, e a outra mal alisada. É instrumento pesado, como o do n.º 3, e que não dá signal, assim o outro, de ser empregado com auxilio de cabo ou gualtho.

5.º Dos instrumentos da Lousa é este o menos imperfeito e menos grosseiro.

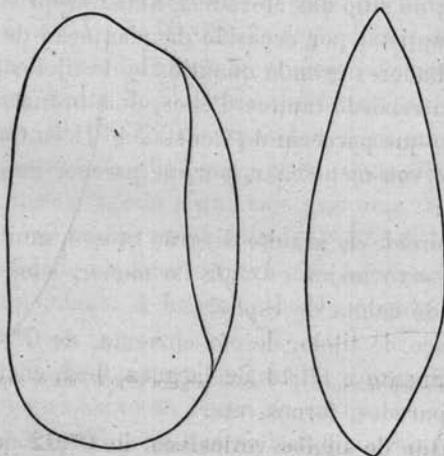


Fig. 2.ª — Maior comprimento  $0^m,08$ ; maior largura  $0^m,045$ ; maior espessura  $0^m,025$

A sua configuração geral é a de pyramide, de secção transversal rhomboidal, adelgada nas extremidades, de modo que dá na base um gume de forma convexa e dirigido segundo uma das diagonaes

do rhomboide, como se viu num machado de Parafita, e no vertice outro gume que se encontra mal representado, em virtude de fracturas evidentemente produzidas pelos trabalhadores que fizeram a exploração.

As dimensões são: 0<sup>m</sup>,080 para o maior comprimento, 0<sup>m</sup>,045 para a maior largura e 0<sup>m</sup>,025 para a maior espessura.

#### b) Instrumentos de Maçores

É da mesma pedra que os da Lousa, da fôrma de pyramide de secção transversal em trapesio, truncada, com uma das faces e os bordos alisados e a outra face por alisar com uma grande concavidade natural no terço inferior.

Apresenta o gume formado á custa dos bordos desengrossados igualmente, pouco convexo e pouco cortante.

Tem no maior comprimento 0<sup>m</sup>,125, na maior largura 0<sup>m</sup>,049 e na maior espessura 0<sup>m</sup>,027.

### 2. Concelho de Santa Martha

Em Coucieiro, numa propriedade do meu amigo Luis Teixeira de Mesquita Queiroz, alem de pedaços de tijolos em grande quantidade, encontrou-se uma sepultura de tijolos, semelhante ás de Athey de que dei noticia n-*O Archeologo*, vol. III, p. 70.

Offereceu-me o Sr. Queiroz um tijolo d'essa sepultura.

Na Cumieira, no sitio das Moradias, numa propriedade do Ill.<sup>mo</sup> Sr. José Joaquim Baptista, por occasião da plantação de bacellos, encontraram os trabalhadores grande quantidade de tijolos partidos, grossos e com um grosso rebordo muitos d'elles, dois bronzes pequenos muito mal conservados, que parecem de Constancio II ou Constante II, e outros objectos que vou mencionar, por me parecer importante o achado ou seu conjunto:

1.<sup>o</sup> Um espheroides de granito de grão grosso, muito liso, de 0<sup>m</sup>,1 de comprimento no eixo maior e 0<sup>m</sup>,08 no menor, com uma fractura recente em forma de calota de esfera.

2.<sup>o</sup> Um pedaço de tijolo, de côr cinzenta, de 0<sup>m</sup>,08 de espessura, 0<sup>m</sup>,16 de comprimento e 0<sup>m</sup>,14 de largura, bem cozido, proprio para construcção de paredes, fornos, etc.

3.<sup>o</sup> Fragmentos de tijolos vermelhos de 0<sup>m</sup>,025 de espessura, de rebordos com encaixes proprios para se ligarem a outros, de modo que pudessem construir uma sepultura, como as de Athey. (*Arch. Port.*, III, p. 71).

4.<sup>o</sup> Um pedaço de tijolo de 0<sup>m</sup>,12 de comprimento, de 0<sup>m</sup>,025 de espessura, com um bordo, de 0<sup>m</sup>,025 na de espessura e de 0<sup>m</sup>,02 de

altura, arredondado, morrendo numa meia canna bastante profunda, de 0<sup>m</sup>,01 de largura, de barro avermelhado, grosseiro, pouco alisado em ambas as faces.

5.º Outro pedaço de tijolo, de barro vermelho, bem cozido, com um bordo e meia canna, como a do antecedente, com uma depressão no bordo, propria para encaixe com outros tijolos.

6.º Um pedaço de uma talha (?) grossa, de forma semelhante ás que se encontraram nas sepulturas de Athey. (*Arch. Port.*, III, 71), e que cobriam o angulo formado pelo encontro das faces lateraes na parte superior das mesmas sepulturas.

É de barro vermelho, bem cozido, de 0<sup>m</sup>,02 de espessura e com a face externa ou superior muito lisa, e muito pouco na outra face opposta a esta.

7.º Quasi todo o fundo de uma amphora, de 0<sup>m</sup>,012 de espessura nas paredes, de côr cinzenta, com uma porção de carvão intimamente unida ao barro, que, pela côr e unctuosidade, me parece igual ao de outras amphoras, que não podem deixar de se classificar como funerarias, e o carvão como animal.

8.º A quarta parte, pouco mais ou menos, da bocca de um vaso de grandes dimensões, em dois pedaços, de barro vermelho, de 0<sup>m</sup>,6 a 0<sup>m</sup>,7 de diametro (na bocca), com um forte rebordo com duas molduras circulares em relevo, separadas por uma meia canna muito perfectas e bem alisadas, assim como o resto de toda a face externa do fragmento, bem cozido, de 0<sup>m</sup>,025 de espessura, e de massa pura e fina.

9.º Um fragmento da bocca de um vaso de grande capacidade, de barro vermelho, muito bem cozido, perfeitamente alisado, de 0<sup>m</sup>,115 de comprimento, de 0<sup>m</sup>,062 de espessura, com um forte rebordo, descaindo obliquamente de cima para baixo e de dentro para fóra, terminando num angulo agudo a que se segue uma face inferior de 0<sup>m</sup>,01 de largura, que vae acabar numa gola de 0<sup>m</sup>,028 de largura muito funda, em cuja extremidade superior começa logo a formar-se o bojo. A porção de vaso correspondente á bocca, rebordo e gola, é em curva muito sensivel.

10.º Um caco de um vaso de grandes dimensões, quasi quadrado, que se partiu logo abaixo da bocca do vaso a que pertencia, de barro acinzentado, bem cozido, em que se nota uma faixa obliqua em relevo, que devia tornear o bojo do vaso, e a que vem ter um pequeno sulco, que se subdividiu em dois ramos com a fórma de um Y.

É o unico objecto em que se vê este principio de ornamentação.

11.º Um pedaço de vaso de barro avermelhado, de 0<sup>m</sup>,015 de espessura quasi quadrada, tendo cada lado 0<sup>m</sup>,12 de extensão, muito

liso, com duas cintas estreitas arredondadas em relevo bem distinctas, separadas por uma meia canna, com umas manchas negras na face interna, que parecem devidas a carvão animal.

12.º Um pedaço de (tijolo?) de barro avermelhado, de fôrma triangular, com dois lados resultantes de fractura recente, e com o terceiro arredondado e intacto, em arco de circulo de curvatura tão pronunciada que exclue a ideia de poder pertencer a um vaso de bocca horizontal.

A configuração do restante parece ser de um vaso de forte bojo, e apresenta a 0<sup>m</sup>,07 do bordo concavo uma faixa em relevo seguindo a curvatura do mesmo, com manchas escuras na face externa entre o bordo concavo e a faixa, devidas ou ao terreno em que esteve metido, ou a carvão a que estivesse unido.

13.º Um pedaço de vaso de barro acinzentado, pouco perfeito, mas alisado, sem molduras de especie alguma, com a boca mais espessa (0<sup>m</sup>,03) do que o resto do corpo do vaso (0<sup>m</sup>,02), começando o bojo a formar-se de uma maneira abrupta tres centímetros abaixo da circunferencia da mesma.

Era um dos vasos de maior bojo entre todos os encontrados.

14.º Parte da bocca de um vaso de pequenas dimensões, de bocca larga e de barro tão fino que não parece ser da epoca dos outros objectos descriptos.

Neste parece que foi empregado verniz, e fica-se em duvida se será de origem moderna e que fosse levado ao local onde se encontraram os outros.

Na Azinheira, numa propriedade, ha um aqueducto ou caminho coberto de grande extensão, de cantaria, que não sabem os habitantes da quinta aonde leva nem onde acaba.

Por occasião da plantação de bacellos descobriram uma construcção de fôrma arredondada, da qual, no dizer da gente pouco illustrada, ou melhor, rustica, *saíam braços em toda a roda* como num rodizio de um moinho ordinario de fôrma de estrella. Não fazemos ideia do que possa ser, e sabemos apenas que esta construcção esteve descoberta por algum tempo e que a cobriram outra vez.

Numa quinta proximo, pertencente á familia do meu illustradissimo collega e velho amigo Dr. Francisco de Salles da Costa Lobo, tem sido achadas pelos caseiros muitas moedas romanas, e entre ellas uma de bronze, mediana, de Constantino Magno, que me offereceram.

Da rapida descripção dos restos dos vasos que me vieram á mão, da qualidade e configuração dos tijolos, e da existencia de carvão, que não será difficil reconhecer como animal, parece-me muito provavel que na Cumieira existiu um cemiterio romano.

Ainda não explorei o local onde appareceram estes fragmentos, que foram recolhidos ao acaso e me enviaram para aqui.

É tal a quantidade de tijolos, que hoje fazem muros com elles.

Villa Real, 28 de Fevereiro de 1902.

HENRIQUE BOTELHO.

### A xorca de ouro de Cintra

Lembrar-se-hão os leitores da magnifica xorca de ouro, achada em Cintra, de que lhes fallei n-*O Arch. Port.*, II, 17, num artigo acompanhado de um desenho da mesma<sup>1</sup>. Esta xorca era não só o mais bello objecto archeologico de ouro que existia em Portugal, mas de certo, pelo seu peso, — 1:262 grammas! —, um dos mais ricos que havia! Pois dou aos leitores hoje a triste nova de que esta preciosidade, que con-vinha que ficasse em um museu portuguez, foi por seu antigo dono vendida ha meses a um museu de Londres!<sup>2</sup>

D'esta catastrophe, — que não posso empregar outro nome —, são varios os culpados. Não quero porém entrar em pormenores. O antigo possuidor da xorca tentou, é certo, vendê-la cá; ninguem comtudo o attendeu: uns achavam caro o objecto, outros não lhe ligavam maior importancia, outros parece que até se riram! Realmente o preço pedido a principio (em 1895) era exorbitante: 4:000\$000 réis! E elle tambem me aterrou a mim; todavia, para o fim, tinha baixado até 2:000\$000 réis, e mesmo baixaria a 1:800\$000 réis, segundo o que me consta.

No commercio nem sempre ha prudencia: é por isso que muitas cousas archeologicas se perdem. Se o dono do xorca tivesse pedido logo de comêço um preço razoavel, eu tê-la-hia adquirido para o Museu Ethnologico; mas o preço pedido era de mais! Ainda assim, as pessoas que podiam resolver o assunto não o resolveram, e o possuidor, que não é dado a estudos archeologicos, nem estava bem no caso de avaliar se da aquisição ou não aquisição da xorca adviria gloria ou desdouro para a historia da archeologia nacional, e que além d'isso se sentiu desanimado por bater em vão a muitas portas, aproveitou o melhor ensejo de venda que se lhe offereceu, e cedeu a xorca a um museu estrangeiro por 2:000\$000 réis.

Fique exarada aqui a menção d'este desastre, a ver se de futuro se evitam outros semelhantes.

<sup>1</sup> Cfr. tambem *Boletim* dos Archeologos do Carmo, VII, (3.<sup>a</sup> serie), p. 77.

<sup>2</sup> Não sei a qual, mas talvez ao Britannico, que é aonde vão em geral parar todas as obras primas da arte, da archeologia e da bibliographia, que escapam a outros museus ou bibliothecas.